



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

Escola de Ciências Sociais e da Saúde

Coordenação de Psicologia

**A Vivência da Temporalidade no Transtorno Bipolar a partir da Perspectiva
Fenomenológica**

Pietra Boaventura Mota de Oliveira

Katya Alexandrina Matos Barreto Motta

Goiânia, 2025.

Resumo

A experiência da alteração no tempo vivido em indivíduos com Transtorno Bipolar é fundamental para a compreensão do modo como o ser humano está aberto ao mundo e às suas possibilidades. Este estudo busca compreender, através de uma perspectiva fenomenológica, como o humor e a ruptura da estrutura temporal da consciência afetam os estados de Mania e Melancolia no indivíduo bipolar. A pesquisa se baseia em uma revisão bibliográfica, através de análise e síntese qualitativa de * estudos que discutem a vivência da Temporalidade nas alterações de humor do sujeito bipolar. Os resultados indicam que quando o fluxo temporal interno se desorganiza, como na aceleração maníaca ou na estagnação melancólica, o sujeito perde a sintonia com o ritmo dos outros, o que gera uma sensação de alienação, isolamento e descontinuidade. Conclui-se que o indivíduo bipolar experimenta uma fragmentação da identidade, marcada por desorientação temporal, desconexão afetiva e quebra da sintonia inter-humana, uma vez que o self se forma e se sustenta a partir de um fluxo temporal contínuo que articula passado, presente e futuro em uma narrativa significativa. Quando essa continuidade se rompe, como ocorre no Transtorno Bipolar, o sujeito experimenta uma fragmentação existencial, através de uma disfunção da “intersubjetividade temporal”, ou seja, uma ruptura na capacidade do sujeito de compartilhar um tempo comum com os outros e com o mundo.

Palavras-Chave/Descritores: Transtorno Bipolar; Mania; Melancolia; Temporalidade; Fenomenologia.

Abstract

The experience of altered lived time in individuals with Bipolar Disorder is fundamental for understanding how human beings are open to the world and its possibilities. This study seeks to comprehend, from a phenomenological perspective, how mood and the disruption of the temporal structure of consciousness affect the states of Mania and Melancholia in bipolar individuals. The research is based on a literature review, employing qualitative analysis and synthesis of studies that discuss the experience of Temporality in mood alterations of bipolar subjects. The findings indicate that when the internal temporal flow becomes disorganized, as in manic acceleration or melancholic stagnation, the subject loses attunement with the rhythm of others, generating a sense of alienation, isolation, and discontinuity. It is concluded that the bipolar individual experiences a fragmentation of identity, marked by temporal disorientation, affective disconnection, and a rupture of inter-human attunement, since the self is formed and sustained by a continuous temporal flow that articulates past, present, and future into a meaningful narrative. When this continuity is broken, as occurs in Bipolar Disorder, the subject undergoes an existential fragmentation through a dysfunction of “temporal intersubjectivity,” that is, a rupture in the capacity to share a common time with others and with the world.

Keywords: Bipolar Disorder; Mania; Melancholy; Temporality; Phenomenology.

Introdução

O Transtorno Bipolar caracteriza-se por intensas oscilações de humor que alternam entre episódios de exaltação (mania ou hipomania) e episódios depressivos, representando polos opostos da experiência afetiva. Esses estados são intercalados por períodos de remissão e manifestam-se também por meio de alterações cognitivas, físicas e comportamentais específicas (American Psychiatric Association [APA], 2014).

Trata-se de um transtorno de natureza complexa e curso crônico, cuja apresentação clínica varia amplamente entre os indivíduos, tanto em intensidade quanto em duração. Além disso, sua alta heterogeneidade e a semelhança sintomatológica com outros transtornos do humor frequentemente dificultam a precisão diagnóstica e o manejo clínico adequado (Lima, Tassi, Novo, & Mari, 2005).

O diagnóstico do Transtorno Bipolar é especialmente desafiador e exige acompanhamento clínico contínuo. O equívoco mais comum envolve sua identificação inicial como depressão unipolar, o que pode retardar o reconhecimento do transtorno e o início do tratamento apropriado (Lima et al., 2005). Para um diagnóstico diferencial preciso, torna-se essencial considerar a fenomenologia do quadro, incluindo o aumento de energia e o caráter cíclico dos sintomas (Moreno & Moreno, 2009; Suppes & Dennehy, 2009).

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (5ª ed.; APA, 2014) caracteriza o episódio maníaco como um período de humor persistentemente elevado, expansivo ou irritável, acompanhado de energia e atividade anormalmente aumentadas, com duração mínima de uma semana e presença contínua na maior parte dos dias. Entre os sintomas, observam-se diminuição da necessidade de sono, fuga de ideias, aumento da atividade dirigida a objetivos e agitação psicomotora. Ressalta-se que essa perturbação do humor é suficientemente grave para causar prejuízo acentuado no funcionamento social e ocupacional do indivíduo.

A hipomania apresenta características semelhantes às da mania, porém com menor gravidade e duração mais breve — geralmente quatro dias consecutivos. Nesses casos, a pessoa raramente busca atenção médica, ainda que episódios hipomaniacos possam evoluir para mania. A principal diferença entre ambas reside no grau de comprometimento funcional:

na hipomania, não há prejuízo acentuado no funcionamento social nem necessidade de hospitalização (Bosaipo, Borges, & Juruena, 2017).

No polo oposto das alterações de humor encontra-se o episódio depressivo maior, também referido por alguns autores como melancolia. Segundo o DSM-5 (APA, 2014), esse quadro é caracterizado por humor deprimido na maior parte do dia, quase todos os dias, e por acentuada redução do interesse ou prazer em atividades cotidianas.

A distinção entre a depressão unipolar e a depressão associada ao Transtorno Bipolar é fundamental para a definição do tratamento e do prognóstico (Bosaipo et al., 2017). A análise criteriosa das manifestações clínicas é essencial para evitar diagnósticos equivocados e consequente medicalização inadequada, que pode agravar o quadro em função do tratamento incorreto.

Diante dessas limitações, a perspectiva fenomenológica mostra-se especialmente relevante ao propor uma reflexão sobre os aspectos ontológicos do ser humano, isto é, sobre as dimensões constitutivas e inalienáveis da existência. Com frequência, essas dimensões são equivocadamente interpretadas como estruturas psicopatológicas.

Tatossian (2006) afirma que a psicopatologia fenomenológica busca desvelar a estrutura eidética que torna possíveis os estados psicopatológicos, compreendendo-os não como efeitos causais, mas como condições de possibilidade. Assim, torna-se fundamental o acesso ao caráter imediato da experiência do sujeito adoecido, sem a interposição de modelos teóricos prévios que possam reduzir a singularidade do vivido.

O sintoma, nesse contexto, não é apenas um dado objetivo, mas expressão de uma modificação estrutural da existência. O diagnóstico deixa de ser um mero enquadramento e passa a ser uma descrição compreensiva da estrutura existencial do paciente, revelada na maneira como ele se apresenta no discurso, nos afetos, no corpo e na relação com o mundo (Binswanger, 1960/2005; Fuchs, 2010).

Para Tatossian (1989, 1994), o diagnóstico deve acompanhar o movimento experiencial do sujeito. O sintoma funciona como sinalizador para o fenômeno, que é o principal interesse do fenomenólogo. Inspirando-se em Heidegger (1927/1997), compreende-se que a ênfase no fenômeno permite um olhar atento à experiência, rejeitando

inferências diretas entre o fenômeno e a existência de uma “doença” enquanto entidade objetiva.

Nesse sentido, Minkowski (1933/1995) compreende o humor como uma tonalidade afetiva fundamental que permeia a relação do sujeito com o mundo, constituindo uma categoria essencial do sentir e do viver — a afetividade-contato ou sintonia. O humor está enraizado na totalidade do sujeito e cria um fundo global único a cada instante. Além disso, integra a estrutura temporal da existência e influencia diretamente a forma como o tempo é vivido, sendo expressão da temporalidade vivida.

Um dos elementos centrais para compreender os distúrbios do humor, segundo Minkowski (1933/1995), é a alteração do tempo vivido. O autor distingue o conhecimento do tempo — ligado ao tempo objetivo e mensurável — da experiência do tempo, que envolve uma consciência contínua e direcional de seu fluir. Assim, a temporalidade constitui a forma pela qual o ser humano se relaciona significativamente com o mundo e com as coisas.

Em consonância com tais ideias, Fuchs (2005) propõe que os transtornos do humor não podem ser entendidos apenas como variações afetivas, mas como transformações profundas na estrutura do tempo vivido e na corporeidade existencial. Essa compreensão dialoga com a leitura heideggeriana do ser-no-tempo. Para Heidegger (1927/1997), a temporalidade é constitutiva do Dasein e expressa o modo como o ser humano está aberto ao mundo e às suas possibilidades.

O Dasein projeta-se em direção ao futuro (protensão), retém o que já foi (retenção) e atualiza-se no presente (presença). A ruptura ou desarmonia entre esses três momentos implica não apenas sofrimento psíquico, mas uma alteração ontológica da estrutura do ser. Para Heidegger (2012), existir é projetar-se em direção ao futuro em constante interação com o passado e com o presente, dimensões que, em condições saudáveis, articulam-se de modo integrado.

Binswanger (1960/2005) também compreende a existência como um processo contínuo de projeção no mundo, uma abertura para as possibilidades futuras. Na melancolia, essa abertura é suspensa: o mundo perde significação, o tempo torna-se viscoso e o futuro inatingível. A existência recolhe-se ao passado, que se torna dominante, configurando uma estagnação do tempo vivido. O peso do passado manifesta-se como impossibilidade de progressão rumo ao futuro.

Por outro lado, para Minkowski (1929/2002) e Tatossian (1979/2006), o indivíduo em episódio maníaco vive um “presente absoluto”, no qual passado e futuro perdem sua função estruturante. O sujeito não estabelece continuidade em suas relações com o meio, vivendo uma série de presenças isoladas e descontínuas.

O contato com o ambiente torna-se empobrecido, reduzido a um presente inautêntico e impessoal. Reforçando essa concepção, Binswanger (1960/2005) observa que, no estado maníaco, há uma falta de desdobramento temporal: o indivíduo constitui-se amplamente no presente, marcado por espontaneidade excessiva, esquecimento do passado e ausência de projeção para o futuro.

Por fim, Fuchs (2013) ressalta que o estudo da temporalidade sob a ótica da Fenomenologia Existencial contribui para uma clínica mais sensível, ao integrar os ritmos biológicos à experiência subjetiva. Essa abordagem permite compreender como o tempo vivido se manifesta nas perturbações do humor, possibilitando intervenções psicoterapêuticas mais eficazes.

A relevância clínica da Fenomenologia Existencial no Transtorno Bipolar reside, portanto, em sua capacidade de restaurar à clínica a dimensão do tempo vivido. O sofrimento do sujeito bipolar não se restringe à oscilação do humor: envolve uma ruptura na relação com o mundo, com os outros e consigo mesmo. Ao acessar esse nível experiencial, o psicoterapeuta pode oferecer um espaço de cuidado que não visa apenas eliminar sintomas, mas reabrir possibilidades de existência.

Diante da relevância dessa temática, este estudo tem como objetivo geral compreender o modo como a temporalidade se manifesta em indivíduos com Transtorno Bipolar a partir da perspectiva fenomenológica. Especificamente, busca-se elucidar a experiência descontínua do tempo e suas relações com o passado, o presente e o futuro nas alterações de humor maníaco e melancólico.

Metodologia

Este estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica, método que consiste na análise de publicações já existentes sobre o tema, permitindo a síntese e a organização do conhecimento na área. Esse tipo de estudo é essencial para identificar avanços, debates e lacunas teóricas, servindo como base para novas pesquisas (Gil, 2019). De acordo com

Lakatos e Marconi (2020), a revisão bibliográfica oferece um embasamento teórico sólido, possibilitando ao pesquisador uma compreensão crítica e aprofundada do objeto investigado.

A coleta de dados foi realizada por meio da plataforma Google Acadêmico, utilizando publicações indexadas em bases científicas como SciELO Brasil (Scientific Electronic Library Online Brasil), Psilogos, BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), PEPSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia) e diferentes repositórios institucionais.

Foram adotados como critérios de inclusão: (a) artigos que abordassem os aspectos clínicos e conceituais do Transtorno Bipolar; (b) estudos que tratassem da temporalidade sob a perspectiva fenomenológica; (c) produções que analisassem as alterações temporais presentes nos estados maníaco e melancólico; e (d) capítulos de livros relacionados à temática. Foram excluídos: (a) artigos que não contemplassem a visão fenomenológica da temporalidade no Transtorno Bipolar; (b) textos que abordassem outras estruturas fenomenológicas distintas da temporalidade; e (c) publicações que não explicitassem as alterações temporais nos estados de humor maníaco e melancólico.

O processo de seleção e extração dos dados ocorreu em quatro etapas. Na fase 1 (identificação), realizou-se a busca inicial dos estudos e a leitura de títulos e resumos para verificar sua concordância com os critérios de inclusão. Na fase 2 (triagem), procedeu-se à leitura completa dos artigos potencialmente relevantes e à aplicação dos critérios de exclusão. Na fase 3 (elegibilidade), selecionaram-se os estudos com maior pertinência temática. Por fim, na fase 4 (inclusão), elaborou-se uma tabela contendo informações sobre identificação, objetivos, método, resultados e conclusões dos estudos, seguida de uma síntese qualitativa dos artigos finais selecionados.

Ao todo, foram identificados 32 estudos com pertinência inicial. Considerando a escassez de pesquisas diretamente relacionadas ao tema, não foi aplicado filtro de data de publicação. Da mesma forma, não houve delimitação quanto à idade ou gênero dos participantes, devido à ausência de estudos de caso específicos sobre a fenomenologia da temporalidade no Transtorno Bipolar.

Na etapa de leitura de títulos, oito estudos foram excluídos por incompatibilidade temática, restando 24 artigos. Após a leitura dos resumos, foram excluídos: um estudo por discutir outras categorias fenomenológicas; dois por tratarem da temporalidade sem relação com o Transtorno Bipolar; dois por abordarem apenas contribuições teóricas de autores para

a compreensão fenomenológica da depressão e psicopatologia; um por utilizar um estudo de caso de melancolia esquizofrênica; e um por abordar aspectos distintos da temporalidade no estado maníaco.

Na etapa seguinte, referente à leitura integral dos artigos selecionados, três estudos foram considerados adequados para compor a síntese qualitativa, por apresentarem consonância direta com o tema central e por abordarem a perspectiva fenomenológica da temporalidade nos estados de humor maníaco e melancólico. Os onze artigos restantes foram utilizados como suporte teórico complementar para a fundamentação deste trabalho.

Tabela 1*Síntese Descritiva dos Estudos Incluídos*

Título do Artigo	Autores e Ano de Publicação	Objetivo	Metodologia	Resultados	Conclusão
1. O intenso e vazio viver maníaco-melancólico.	Milva Natali Aparecido, Lucélia Albuquerque Corrêa, Daniela Alessandra Uga (2010).	Buscar uma aproximação entre a Mania e Melancolia, considerando algumas similaridades na vivência de seus existenciais espaço-temporal, corporeidade e afinação. Compreender o sentido da vida e o significado da Mania como ser-no-mundo. Focar no significado que os sentimentos vivenciados podem ter para a experiência maníaca e melancólica.	Realização de uma revisão bibliográfica acerca da vivência maníaco-melancólica, pautada nos pressupostos do referencial Fenomenológico-Existencial.	Observou-se que nas experiências maníaca e melancólica há um não desdobramento do tempo, uma não realização das possibilidades futuras, um não relacionamento com as coisas do mundo e uma perda de projeção da corporeidade no mundo.	A Mania e a Melancolia são compreendidas não como uma doença, mas como um modo de ser no mundo em que a liberdade de escolhas de vir a ser encontra-se limitada.

2. Fenomenologia do tempo vivido no Transtorno Bipolar	Virginia Moreira, Lucas Bloc (2012)	Compreender, através da psicopatologia fenomenológica, as alterações do tempo vivido por um indivíduo com transtorno bipolar, em suas fases maníaca e melancólica. Discutir o diagnóstico do transtorno bipolar na atualidade, através de dados epidemiológicos e discussão sobre o tempo vivido, para que seja possível refletir sobre a temporalidade na melancolia e mania. Compreender as significações do sujeito bipolar com o tempo, estabelecendo sua perspectiva sobre o vivido.	Foi realizada uma revisão teórica, através de uma breve revisão histórica do Transtorno Bipolar, com referências de autores da Psicopatologia Fenomenológica, para realizar uma análise fenomenológica do tempo vivido nas fases maníaca e melancólica.	Através da distinção entre os vários modos de temporalidade, destacou-se a relevância do tempo-qualidade para a compreensão do Transtorno Bipolar. Foi realizada a descrição da temporalidade durante a Melancolia, sendo analisada como uma estagnação do tempo vivido, perda da protensão e despotencialização do sujeito. Na mania, descreveu-se por contato superficial com o mundo, sem retenções nem protensões adequadas. Entretanto, embora os estados maníaco e melancólico pareçam pólos opostos, são apresentados como modos constituídos de	A Psicopatologia Fenomenológica evita prejulgamentos teóricos e mantém o encontro direto com a experiência vivida do paciente. A Mania e a Melancolia configuram uma falha na constituição temporal do sujeito. Para a compreensão do Transtorno Bipolar, é necessário considerar a dimensão existencial e temporal do sujeito.
---	--	--	--	--	--

				um mesmo mundo vivido.	
--	--	--	--	------------------------	--

3. A Temporalidade na Experiência Maníaca: Uma Revisão Selectiva	Bruno Trancas, Nuno Borjas-Santos (2012)	Discutir as diferenças entre as alterações no tempo do mundo e tempo vivido que estão presentes nos quadros de perturbação do humor, com foco para a mania. Compreender as características e dimensões do tempo a partir da visão de diversos autores fenomenológicos. Discutir estudos realizados envolvendo a experiência temporal subjetiva e o julgamento ou juízo temporal.	O estudo é uma revisão seletiva de literatura, através de uma análise conceitual da psicopatologia fenomenológica aplicada ao campo clínico.	A mania é compreendida como uma alteração estrutural da temporalidade vivida, nesse estado de humor, o tempo se apresenta como expansão ilimitada, não há retenção do passado nem protensão do futuro.	A compreensão fenomenológica da experiência maníaca reforça que esse estado de humor se define fundamentalmente por uma alteração da estrutura temporal do existir, sem reduzir o sofrimento à sintomatologia observável, mas levando em consideração o modo de ser-no-mundo do sujeito.
--	--	--	--	--	--

O primeiro estudo, *O intenso e vazio viver maníaco-melancólico*, de Milva Natali Aparecido, Lucélia Albuquerque Corrêa e Daniela Alessandra Uga (2010), buscou compreender similaridades na vivência espaço-temporal nos estados de humor maníaco e melancólico. A partir de uma revisão bibliográfica sobre a experiência de indivíduos com alterações de humor, observou-se que, na mania, não ocorre o desdobramento do tempo, o que impossibilita a abertura para novas possibilidades.

O segundo estudo, *Fenomenologia do tempo vivido no transtorno bipolar*, de Virginia Moreira e Lucas Bloc (2012), utilizou a Psicopatologia Fenomenológica para compreender as alterações temporais vividas por um indivíduo com transtorno bipolar. Por meio de uma revisão teórica, os autores realizaram uma análise fenomenológica do tempo vivido na mania e na melancolia, compreendendo que ambas as alterações de humor refletem uma falha na constituição temporal do sujeito. Destaca-se a necessidade de considerar a dimensão existencial e temporal do indivíduo, bem como seu modo de ser-no-mundo.

O terceiro estudo, *A temporalidade na experiência maníaca: uma revisão seletiva*, de Bruno Trancas e Nuno Borjas-Santos (2012), buscou discutir as diferenças entre o tempo do mundo, cronológico, e o tempo vivido, presentes nos transtornos de humor, com foco na experiência da mania. A partir de uma revisão seletiva da literatura, os autores compreenderam a mania como uma alteração da temporalidade vivida, caracterizada pela falta de protensão do futuro e de retenção do passado.

Resultados e Discussão

Para responder aos objetivos de compreender como a temporalidade se manifesta em indivíduos com Transtorno Bipolar a partir da perspectiva fenomenológica, bem como elucidar a experiência descontínua do tempo e suas relações com o passado, o presente e o futuro nas alterações de humor maníaco e melancólico, analisou-se que os estados de humor apresentam características que residem em uma falha da constituição temporal (Binswanger, 1960/2005).

Entretanto, ambas as dimensões compõem mutuamente um mesmo mundo vivido e são inseparáveis. Mania e melancolia configuram modos de ser-no-mundo com liberdades de

escolha limitadas. Em ambas as experiências, observa-se o não desdobramento do tempo, a não realização das possibilidades futuras e, conseqüentemente, uma ruptura na relação com o mundo (Tatossian, 2006).

A temporalidade é uma categoria fundamental da existência humana, relacionada ao tempo vivido e não ao tempo cronológico (Heidegger, 2012). Existir implica projetar-se em direção ao futuro, em constante articulação com o passado e o presente. A Fenomenologia Existencial, sobretudo na leitura de Heidegger (1927/1997), compreende a temporalidade como constitutiva do Dasein. O tempo, nessa concepção, não se reduz a um dado psicológico, mas expressa o modo como o ser humano se abre ao mundo e às suas possibilidades.

Na concepção husserliana, a retenção diz respeito à permanência, na consciência, de uma percepção passada que se mantém por meio da intencionalidade (Husserl, 1994). Por meio dela, o vivido não se perde totalmente, mas permanece como traço na continuidade da experiência. Assim, o tempo é compreendido pela articulação entre percepções, retenções e sua continuidade imanente (Salanskis, 2006).

Complementarmente, a protensão desempenha papel fundamental na constituição temporal. Enquanto a retenção conserva o que passou, a protensão dirige a consciência para o porvir, antecipando a continuidade da experiência (Thomé, 2012). Dessa forma, a temporalidade se revela como um entrelaçamento constante entre passado, presente e futuro.

Nesse contexto, Fuchs (2005, 2010) propõe que o sofrimento psíquico no Transtorno Bipolar pode ser compreendido como uma perturbação da estrutura fundamental da existência. Para o autor, há uma disfunção da “intersubjetividade temporal”, isto é, uma ruptura na capacidade de compartilhar um tempo comum com os outros e com o mundo. Tanto a aceleração maníaca quanto a estagnação melancólica produzem sensação de alienação, isolamento e descontinuidade.

A desorganização do fluxo temporal compromete a coesão da experiência vivida e rompe a continuidade narrativa do self, dificultando que o sujeito construa uma biografia coerente. Desse modo, conforme Fuchs (2005, 2010), o self depende de um fluxo temporal contínuo que articule passado, presente e futuro; quando essa articulação se desfaz, ocorre fragmentação identitária, desorientação temporal e quebra da sintonia inter-humana.

Binswanger (1960/2005) compreende a existência como abertura para possibilidades futuras. Na melancolia, essa abertura é suspensa: o mundo perde significação, o tempo torna-se viscoso e o futuro, inacessível. O passado passa a dominar a experiência, impossibilitando a atualização no presente. Para Bin (1998), presente e futuro ficam presos ao passado, impedindo o desdobramento da existência.

Fuchs (2013) acrescenta que, na melancolia, a perda da vitalidade afetiva compromete não apenas o humor, mas também a possibilidade de se relacionar com o mundo de forma significativa. A alteração temporal pode ser tão profunda que não emergem propósitos de vida. Nesse estado, retenção e protensão se confundem, impedindo a formação de projetos autênticos (Binswanger, 1960/2005).

Para compreender a mania, Minkowski (1933/1995) argumenta que ela não se limita à aceleração, mas configura uma espécie de “ilusão de eternidade”. O maníaco vive um presente absoluto no qual passado e futuro perdem função estruturante. Essa descontinuidade temporal explica sintomas como fuga de ideias e grandiosidade, pois, sem retenções, cada pensamento surge como novo e urgente.

De modo semelhante, Binswanger (1960/2005) descreve o sujeito maníaco como constituído quase exclusivamente no presente, caracterizado por espontaneidade excessiva e ausência de consideração pelo passado ou futuro. Na mania, há ausência de retenções que deem consistência às experiências, resultando em ideias momentâneas e desprovidas de motivação temporal (Tatossian, 1994). Para Fuchs (2001), essa aceleração compromete a consistência do self e a capacidade de compartilhar um mundo comum.

Ricoeur (1985) amplia essa discussão ao afirmar que a identidade narrativa depende da continuidade entre passado, presente e futuro; na mania, essa continuidade se rompe pela ausência de retenção, enquanto na melancolia se desorganiza pelo excesso dela.

Torna-se evidente, portanto, que tanto mania quanto melancolia envolvem falhas na constituição temporal do indivíduo. Na melancolia, há um colapso da protensão e um fechamento do horizonte futuro, produzindo desesperança e perda de sentido (Binswanger, 1960/2005; Fuchs, 2013). Já na mania, um presente absoluto desconectado da continuidade temporal compromete a identidade narrativa (Minkowski, 1933/1995; Fuchs, 2001).

Segundo Tatossian (1994), essas manifestações não são meros desvios funcionais, mas modos de ser profundamente alterados. A psicopatologia fenomenológica compreende essas experiências como formas específicas de temporalização e abertura ao mundo. Assim, mania e melancolia não são apenas categorias diagnósticas, mas fenômenos que demandam compreensão ontológica do sofrimento.

Os estudos revisados reforçam, portanto, a importância de compreender o Transtorno Bipolar para além de uma perspectiva sintomatológica, reconhecendo-o como uma alteração existencial da temporalidade. Essa abordagem contribui de modo significativo para a clínica ao possibilitar uma escuta que valorize a experiência vivida e os modos de aparecer do sujeito. Contudo, observa-se a escassez de pesquisas empíricas fenomenológicas aplicadas ao Transtorno Bipolar, o que indica a necessidade de estudos futuros que aprofundem esse campo.

Considerações Finais

Em síntese, este trabalho alcançou seus objetivos ao demonstrar a relevância da compreensão da temporalidade nas alterações de humor maníaco e melancólico do Transtorno Bipolar, sob a perspectiva da fenomenologia. A partir desse referencial, tornou-se evidente que existir implica projetar-se em direção ao futuro, em constante articulação com o passado e o presente. Assim, mania e melancolia são reconhecidas como modos de ser-no-mundo nos quais a liberdade de escolha se encontra limitada. Em ambas as experiências, observa-se um bloqueio no desdobramento do tempo, a não realização das possibilidades futuras e, conseqüentemente, uma restrição na relação com o mundo.

Na melancolia, essa abertura temporal é suspensa, o mundo perde significação, o tempo torna-se viscoso e o futuro se torna inatingível. O passado passa a dominar a experiência, impedindo a atualização no presente. Observa-se, portanto, um colapso da protensão e um fechamento do horizonte futuro, resultando em desesperança e perda de sentido. Já na mania, o indivíduo encontra-se amplamente fixado no presente, caracterizado por espontaneidade excessiva e ausência de referência ao passado ou ao futuro. Essa estrutura evidencia uma ruptura na continuidade temporal decorrente da falta de retenção.

O valor desta pesquisa reside, portanto, em sua contribuição para uma prática clínica fenomenológica que compreenda o sujeito em sua totalidade, mediante uma escuta que vá

além da descrição sintomatológica e busque apreender os modos de aparecer da existência alterada. Nesse sentido, mania e melancolia não são consideradas apenas categorias clínicas, mas fenômenos existenciais que demandam uma abordagem compreensiva, capaz de acolher o sofrimento em sua radicalidade ontológica. Tais manifestações revelam configurações estruturais do existir, expressas em formas específicas de temporalização, afetividade e abertura ao mundo.

Contudo, é importante salientar que este estudo se limitou a uma revisão bibliográfica qualitativa, centrada na articulação teórica. Para o avanço da prática clínica e para o aprofundamento da compreensão das alterações de humor no Transtorno Bipolar, tornam-se necessárias pesquisas empíricas que permitam uma escuta voltada não apenas aos sintomas, mas também aos modos de ser e de aparecer do sujeito, considerando a alteração existencial da temporalidade. Essa compreensão é fundamental para investigar o impacto dessas modificações temporais na fragmentação da identidade, bem como na desconexão afetiva e na quebra da sintonia inter-humana.

Por fim, evidencia-se a presença de uma disfunção da intersubjetividade temporal nas alterações de humor características do Transtorno Bipolar, que conduz à ruptura da capacidade do sujeito de compartilhar um tempo comum com os outros e com o mundo. Essa desorganização do fluxo temporal interno, presente tanto na aceleração maníaca quanto na estagnação melancólica, gera sensações de alienação, isolamento e descontinuidade, afetando profundamente a relação do indivíduo consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

Referências Bibliográficas

Alvarenga, R. (2016). *Alteridade e fenomenologia das psicoses: Outrem em Merleau-Ponty e Binswanger*.

American Psychiatric Association. (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (5ª ed.; DSM-5). Artmed.

Aparecido, M. N., & Corrêa, L. A. (2010). O intenso e vazio viver maníaco-melancólico. *ConScientiae Saúde*, 9(3), 510–520.

Bloc, L., & Moreira, V. (2013). Sintoma e fenômeno na psicopatologia fenomenológica de Arthur Tatossian. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 16(1), 28–41.

Bosaipo, N. B., Borges, V. F., & Jurueña, M. F. (2017). Transtorno bipolar: Uma revisão dos aspectos conceituais e clínicos. *Medicina (Ribeirão Preto)*, 50(1), 72–84.
<https://doi.org/10.11606/issn.2176-7262.v50i1p72-84>

Costa, V. E., & Medeiros, M. (2009). O tempo vivido na perspectiva fenomenológica de Eugène Minkowski. *Psicologia em Estudo*, 14(3), 375–383.

da Rocha, D. B. (2023). Um estudo sobre a temporalidade do ser em Heidegger. *Guairacá: Revista de Filosofia*, 39(1), 104–114.

de Sousa, D. G. R. (2018). *A consciência do tempo: Princípios de fenomenologia da temporalidade dinâmica*.

Fernandes, M. A. (2006). Tempo e temporalidade na analítica existencial de Martin Heidegger. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, 12(1), 213–228.

Fuchs, T. (2021). Temporalidade e psicopatologia. In A. P. Ferreira & J. L. Souza (Orgs.), *Fenomenologia e saúde mental: Novas perspectivas em psicopatologia fenomenológica* (pp. 91–118). Escuta.

Junior, J. F. D., & Azeredo, J. L. (2022). A temporalidade como fundamento ontológico em Martin Heidegger. *Problemata: Revista Internacional de Filosofia*, 13(2), 45–61.

Lima, M. S. D., Tassi, J., Novo, I. P., & Mari, J. J. (2005). Epidemiologia do transtorno bipolar. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, 32(1), 15–20.

Moreira, V., & Bloc, L. (2012). Fenomenologia do tempo vivido no transtorno bipolar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(4), 443–450.

Nolasco, F. I., & Freitas, J. D. L. (2021). Tempo, sofrimento e ímpeto vital: Investigações fenomenológicas em Minkowski. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 37, e37452.
<https://doi.org/10.1590/0102.3772e37452>

Pereira, L. L., Dias, A. C. G., Caeran, J., Collares, L. A., & Penteado, R. V. (2010). Transtorno bipolar: Reflexões sobre diagnóstico e tratamento. *Revista Perspectiva*, 34(128), 151–166.

Tatossian, A. (2006). *A fenomenologia das psicoses*. Escuta.

Tostes, G. W. (2022). *Vivências de pessoas com transtorno bipolar: Um estudo fenomenológico*.

Trancas, B., & Borja-Santos, N. (2012). A temporalidade na experiência maníaca: Uma revisão seletiva. *Psilogos*, 10(1), 12–20.